



SEGURANÇA PÚBLICA/SAÚDE

CONDENAÇÃO

Júri é unânime na condenação da empresária Josefa Pacheco

Envenenamento com chumbinho aconteceu em 29 de novembro de 2008, e desde março de 2010, a ré já estava presa na ala feminina do Presídio de Socorro

■ O Conselho de Sentença do Júri da 5ª Vara Criminal de Aracaju votou, por unanimidade, pela condenação da empresária Josefa de Vasconcelos Pacheco, também conhecida como Nena. Ela foi condenada a 22 anos de reclusão em regime fechado como autora do homicídio de João Batista Chagas, com o qual manteve relacionamento íntimo e trabalhavam juntos na empresa Helen Turismo por mais de 12 anos.

Preso desde 2 de março de 2010, se tiver bom comportamento e outras vantagens previstas na legislação, como é o caso de trabalhar no presídio, ela deverá ficar pouco mais de seis anos presa - contando a partir da data da condenação -, somando um total de quase nove anos de reclusão.

Durante o júri do crime cometido no dia 29 de novembro de 2008, a Promotoria de Acusação, representada pelo promotor da Justiça da 5ª Vara Criminal, Rogério Ferreira, mostrou e detalhou a conversa de aproximadamen-

Apesar de proibido, chumbinho continua vendido nas ruas de Aju

A condenação de Josefa de Vasconcelos, por um crime considerado hediondo, retoma o velho debate relacionado à venda em Aracaju aberta e sem nenhum impedimento do agrotóxico conhecido como chumbinho. Essa é uma das substâncias mais utilizadas em casos de tentativas de suicídio ou de envenenamentos de animais domésticos provocados ou acidentais, sem contar os casos de envenenamentos acidentais de crianças, que também são registrados com frequência.

te 30 minutos entre Josefa e João Batista, gravada pela própria vítima antes do dia do envenenamento. Segundo o promotor, ele já desconfiava da intenção de sua sócia de tentar matá-lo e, por isso mesmo, teria feito a gravação no celular e entregou o arquivo à família.

“Na conversa, ele alegava maus-tratos, humilhação e deixava claro que ela já teria tentado matá-lo outras vezes.

No Centro de Aracaju, não é difícil encontrar vendedores de chumbinho. Nas proximidades do Mercado Central, o crime é cometido diariamente. Segundo o promotor da Justiça responsável pela Promotoria do Consumidor e Relevância Pública, Daniel Carneiro Duarte, há menos de seis meses, dez pessoas foram presas e indiciadas por causa da comercialização irregular do veneno. “Infelizmente, essas pessoas já estão soltas e vendendo chumbinho sem que haja a menor fiscalização por parte

Falava da falsificação de documentos dentro do escritório e visava a uma indenização para deixar a empresa. Ele queria um ônibus, enquanto Josefa teria oferecido R\$ 1,2 mil. Embora João Batista tivesse um contrato de trabalho assinado, ele alegava na gravação que tinha participação nas finanças da empresa desde a fundação dela”, lembra o promotor.

Na avaliação de Rogério Ferreira, foram inúmeras as

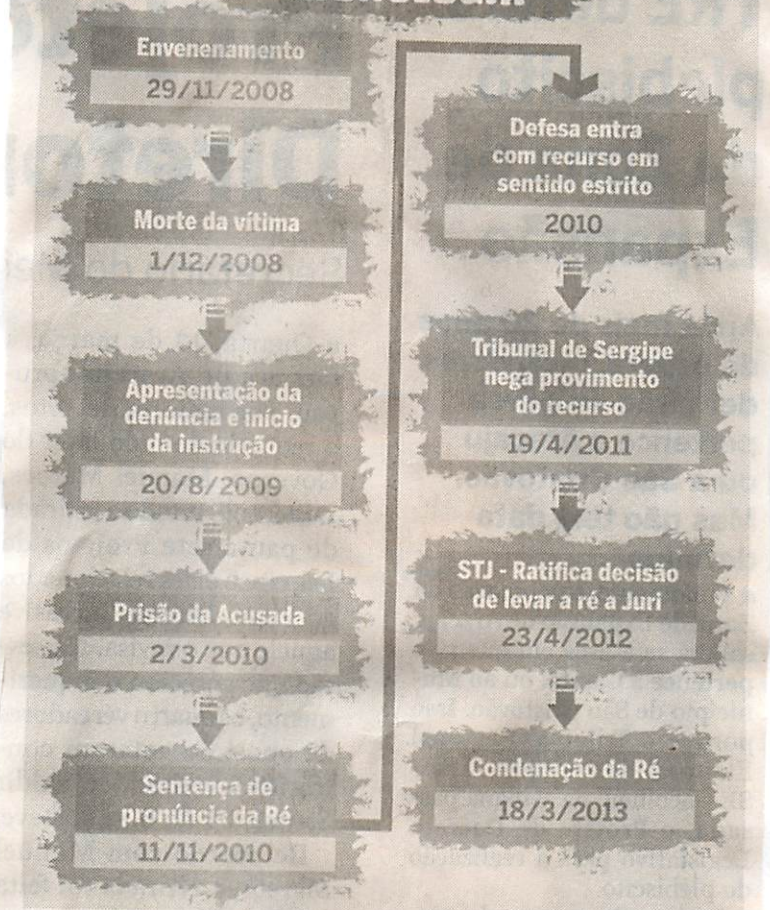
da Emsurb”, lamenta.

A dona de casa Rosângela Virgínia admite que, mesmo sabendo que comprar o veneno também é crime, ela o faz com uma certa frequência para evitar que os ratos se aproximem da residência dela. Já um vendedor que prefere não ser identificado, relata que essa é a única maneira que tem para garantir o sustento da família. “Eu não vendo chumbinho para ninguém se matar. Vendo para pegar ratos. As pessoas é que fazem mau uso do produto”, diz.

provas apresentadas durante as 14 horas de julgamento, período esse em que o Ministério Público apresentou quatro testemunhas, e a defesa, uma. “Diversos fatores naquele sábado chamam a atenção da acusação. Geralmente, eles pediam uma marmitta, que era dividida para Josefa, João Batista e duas crianças que ficavam ali pela empresa. Nesse dia, foram pedidas duas e Josefa proibiu as crianças de

CRONOLOGIA

Editoria de Arte/Ciniform



comerem da comida que ela serviu à vítima. Além disso, a senhora que fornecia a comida estranhou que uma das marmitas teria voltado lavada e a outra suja, quando o comum era que elas sempre voltavam sujas”, ressalta.

De acordo com os autos do processo, João Batista teria passado mal por volta das 15h e deu entrada no Huse com sinais evidentes de envenenamento. Apesar de ter tido alta segunda-feira, assim que chegou à sua residência, a vítima voltou a passar mal e retornou ao hospital, onde faleceu. “Um dos principais argumentos da defesa foi que ele teria sido envenenado na rua e que teria misturado cigarro com bebida

alcoólica. Outro fator que nos chamava a atenção nos autos é que, apesar de alegar que sempre dedetizava a empresa, nunca foram encontrados certificados ou outra prova dessa prática. Além disso, uma das crianças que ficavam lá disse que Josefa costumava guardar chumbinho na empresa, por causa dos ratos”, esclarece o representante do **MPE**.

O advogado criminalista José Cláudio dos Santos, que defendeu a ré, informou que não vai recorrer da pena aplicada à sua cliente, confirmando as expectativas da Promotoria de que não caberia recurso. ■

[>] COMENTE ESTA MATÉRIA
opine@cinform.com.br